

Vários: **Iglesia, Población y Familia**. Estudios Doctrinales, pp. 262, 22 x 14,50 cm, DESAL-CELAP, Santiago — Chile, 1967.

Trata-se de uma coleção de artigos doutrinários sobre os problemas do matrimônio, família e procriação, escritos por teólogos e moralistas de renome. Os ensaios reunidos neste livro foram escritos entre os anos de 1963 e 1965, portanto à época do debate conciliar sobre o problema da família e antes da publicação, por Paulo VI, da Encíclica "Humanae Vitae" (1968), que abriu uma nova fase no estudo da questão do controle da natalidade.

Os treze artigos da coletânea podem ser agrupados em três partes. Os da primeira parte abordam aspectos gerais como a revalorização do amor, a nova ética conjugal e as diferentes linhas do pensamento teológico atual face aos fins do matrimônio. Na segunda parte se estudam problemas específicos relacionados com a utilização dos meios anticoncepcionais. Na parte final, agrupam-se artigos sobre o planejamento familiar, a situação latino-americana e a possibilidade de colaboração entre católicos e não-católicos no campo demográfico.

Os autores se situam, de um modo geral, na assim chamada "linha progressista", destacando-se os nomes dos cardeais Léger e Sunens, dos Monsenhores Janssens e Reuss e dos Padres Gustavo Pérez, García-Vicente e E. Schillebeeck, O. P. O debate se abre com a famosa intervenção do Cardeal Léger, na au-

la conciliar, sobre os fins do matrimônio. Num artigo muito denso, Franz Boekle, diretor da Seção de moral da Revista Concilium, nos dá a seguir um resumo da literatura alemã, francesa e holandesa sobre o problema da regulação dos nascimentos, nos anos 1963-65. Na parte doutrinária, merecem destaque dois artigos: o de n.º 7, de Mons. Albert Dondeyne, intitulado "Reflexões sobre a Crise Atual da Moral Conjugal", contendo uma análise aprofundada do conceito de Ordem Natural como norma de moral; e o artigo n.º 8 de Louis Dupre ("Para um Reexame da Posição sobre o Controle da Natalidade"), que apresenta uma análise sistemática e crítica dos argumentos tradicionais contra o controle artificial da natalidade. O P. Gustavo Perez, sociólogo colombiano, aborda o problema da planificação familiar no contexto latino-americano (artigo n.º 11). Seu enfoque é sociológico: traz à consideração fatos que devem ser tomados em conta para uma apreciação objetiva do problema demográfico na América Latina. Partindo de uma análise do ethos cultural próprio do sistema de valores latino-americano, o P. Perez busca estabelecer uma etiologia do comportamento na vida conjugal, em nosso meio. Exemplifica, a seguir, a sua análise com os resultados preliminares de um estudo realizado em sete metrópoles da América Latina sobre o fenôme-

no contra-normativo que vive o cristianismo latino-americano pelo uso de anticoncepcionais. A coletânea encerra com um estudo histórico de E. Schillebeeckx, sobre as "Mudanças das Concepções Cristãs Relativas ao Matrimônio", contendo análises das concepções patrísticas, medievais e existenciais modernas da questão.

Abstendo-nos de julgar sobre o conteúdo dos artigos, alertamos o leitor leigo no assunto para as discordâncias, em pontos fundamentais, entre o pensamento de diversos autores desta coletânea e o ensinamento oficial da Igreja Católica sobre o problema em foco, em reexame à época em que os artigos foram escritos, mas posteriormente reafirmado pela Encíclica "Humanae Vitae". Não obstante os novos

dados da situação em confronto e dos avanços do debate, o livro mantém sua atualidade, pois os argumentos hoje aduzidos contra o ensinamento papal (expresso num documento não-infalível), permanecem substancialmente os mesmos. Estes argumentos, expostos com seriedade e objetividade científica, merecem ser levados a sério e julgados pelo seu mérito intrínseco, num espírito de veracidade e busca sincera da verdade e não rejeitados a priori com argumentos de autoridade.

Por fim, gostaríamos de ressaltar o artigo do P. Perez, pelo esforço de refletir o problema demográfico no contexto não-europeu e subdesenvolvido da América Latina.

M. M. L.

WILDERS, N. W.: **A Igreja no mundo de amanhã**, tradução de Francisco van der Water, 119 pp., 21 x 14 cm, Herder, São Paulo, 1969.

O conteúdo deste livro é acessível para qualquer leitor esclarecido. O autor apresenta o tema dentro de uma perspectiva histórica, mostrando em cada uma das três partes, primeiramente, a realidade do mundo, em seguida, a atitude da Igreja e, por fim, a sua tarefa no futuro.

Sociólogos e filósofos de cultura mostram como a humanidade atual está passando por uma transformação profunda e radical. A Igreja, entretanto, até agora não acompanhou essa evolução. Começa, por isso, um tempo de reflexão e renovação para a Igreja, reflexão essa

que deve ser feita na perspectiva de hoje e na do futuro.

O autor divide o livro em três capítulos conforme as três correntes que resumem a história atualmente em marcha:

— um movimento que vai de uma cultura pré-científica a uma cultura dominada pelas ciências naturais e pela técnica;

— um movimento que evolui de uma sociedade feudal para uma sociedade sempre mais democrática;

— um movimento que passa de um tipo de cultura particularista e homogêneo a uma forma cultural universal e ideologicamente pluralista.

A consequência da passagem do período pré-científico ao científico é a revolução em nossa mundividência e concepção de vida. Neste processo surgiu certa alienação entre o mundo da ciência e da Igreja, e, por vêzes, uma atitude hostil diante do progresso científico. Para superar essa tensão, a Igreja deve procurar eliminar os preconceitos e criar novas relações de harmonia entre Cristianismo e as ciências naturais, esclarecendo as relações entre fé e ciências naturais, efetuando uma integração da ciência e da técnica na biovisão cristã, levando também em consideração as consequências dessa evolução, no terreno da teologia pastoral.

A evolução para a sociedade democrática é vista como ideal em via de realização, tendo seu impulso principal na Revolução Francesa. Nesse terreno não compete à Igreja decretar prescrições concretas a respeito da estrutura do Estado. Ela deve unicamente proclamar os princípios éticos superiores que devem reger a atividade do Estado. Dentro da Igreja, entretanto, ape-

sar das muitas adaptações, ainda não houve uma reforma em suas estruturas para uma maior democratização. Aliás, essa atitude feudal e conservadora é que a separa da sociedade moderna. Ela proclama a igualdade de todos, mas ela mesma é paternalista.

Além do movimento para uma sociedade democrática, há também o movimento para a sociedade pluralista. Tal sociedade oferece maior garantia para salvaguardar a liberdade de consciência e, por ocasionar intensos choques de idéias, faz com que estas se aclarem e que haja novas iniciativas. A Igreja considerou a liberdade de consciência apenas como "tolerância" e por isso não houve verdadeiro diálogo entre a Igreja e a cultura moderna. É preciso ter em conta que o Cristianismo não possui o monopólio ideológico. Além disso a Igreja deverá pôr em plena luz a dignidade da consciência humana e fundamentá-la mais sólidamente na base da concepção cristã da vida.

F. S.

*LIBANIO, J. B.: **Estudos Teológicos**. Análise crítica. Renovação. Perspectivas, pp. 428, 23x16 cm — Edições Loyola — Editôra São Vicente, Belo Horizonte, 1969.

Em todo mundo uma onda de renovação, reformulação, reestruturação invadiu também as áreas do Ensino Superior. O Concílio Vaticano II, visando revitalização, renovação profunda na vida cristã, não deixou de se interessar pela problemática moderna do ensino dos Estudos Teológicos e Filosóficos dos futuros arautos da mensagem do evangelho de Cristo para os tempos atuais. O Decreto da formação

sacerdotal, "Optatum totius", promulgado a 28 de outubro de 1965, assim começa: "Conhecendo muito bem o santo Concílio que a anelada renovação de tôda a Igreja depende em grande parte do ministério dos sacerdotes, animado pelo espírito de Cristo, proclama a grandíssima importância da formação sacerdotal e declara alguns princípios fundamentais da mesma com os quais se confirmam as leis já ex-

perimentadas durante séculos, a fim de que se introduzam nelas as inovações que correspondem às constituições e aos decretos dêste santo Concílio e AS NOVAS CIRCUNSTÂNCIAS DOS TEMPOS". Em boa hora, aparece, pois, "ESTUDOS TEOLÓGICOS" de J. B. Libanio, que aborda o assunto com profundo conhecimento de causa, haja vista a ampla bibliografia, pp. 13-60 e as inúmeras notas: 644 ao todo. Os índices geral e analítico indicam a divisão da matéria. Divide-a em duas partes, tendo a primeira, "Críticas aos estudos eclesiásticos filosóficos" três capítulos: Falta de adaptação à situação atual; falta de adaptação à situação religioso-existencial do aluno; críticas de natureza sistemático-pedagógica, com apêndices e conclusão; contando a segunda parte, "Propostas de renovação dos estudos eclesiásticos", quatro capítulos: Início dos estudos superiores; filosofia na formação sacerdotal; estudo fundamental e de especialização; sugestões para nova estruturação do currículo e renovação da metodologia do ensino filosófico-teológico, com epílogo. Versa, pois, mais sobre o ensino da filosofia e teologia. Observa o autor, p. 414: "O ensino das diferentes disciplinas teológicas em particular não foi considerado em nosso trabalho e por isso, aí há campo amplo para a pesquisa, sobretudo sobre

o ensino da Teologia Moral, Liturgia e Sagrada Escritura (Exegese e Teologia Bíblica).

O estudo da teologia deve imbuir o seminarista, futuro arauto do evangelho, da mensagem sempre viva, atual, salvadora do Cristo; não basta ser êle dono de vasta erudição teológica; urge, por conseguinte, reestruturar a matéria de forma a atingir a problemática atual da alma do **homo religiosus**, à qual o sacerdote deve responder com a luz da mensagem divina, o que supõe participação viva por parte do aluno no estudo teológico. Isso se alcança aplicando todos os recursos dos métodos modernos da pedagogia e didática. O autor está de parabéns por causa dêste estudo alentado, crítico, construtivo, arejado e objetivo. Não canoniza simplesmente os diversos métodos das diversas correntes, mas os analisa sob seus aspectos positivos e negativos. O livro abre, com efeito, horizontes novos para a reestruturação do ensino teológico. Cada professor das faculdades, institutos teológicos ou seminários deve-se pôr a par dos problemas abordados pelo autor, suposto que queira auscultar os sinais dos tempos. Mencione-se ainda a exatidão extrema nas notas e nomes estrangeiros, deparando-se-nos pouquíssimos erros de caixa.

A. B.

MESTERS, Carlos — TEIXEIRA, Francisco, Rezar os salmos hoje. Tradução do original hebraico. Livraria Duas Cidades, S. Paulo 1969. 18 x 11 cm, 150 pp.

Quando a própria Bíblia e especialmente o Antigo Testamento está se tornando objeto de contestação e as fórmulas de oração e a própria oração estão sendo postas em discussão e abandonadas, é sinal de coragem bem-fazeja publicar um livro deste gênero e com um título um tanto provocante: **Rezar os Salmos hoje**. Mas quem der confiança aos autores e manusear e meditar este livro com seus 70 Salmos escolhidos e vazados em linguagem moderna e arejada, constatará como uma centena de gerações antes dele que os Salmos continuam a ser excelente escola de oração e exprimem com muita propriedade toda a gama de sentimentos humanos em todas as situações possíveis. A tradução em geral se apresenta exata quanto ao sentido e espírito do texto, ela é fluente, familiar, leve. A seleção dos Salmos me parece muito boa, embora talvez também outros Salmos pudessem ter sido incluídos, como p. ex. os 21, 90, 117.

Dois apêndices valiosos complementam a coleção: no primeiro se sugerem ao homem atual certas situações parecidas ou análogas, de conteúdo sentimental semelhante, às dos salmistas, com a finalidade de ajudar a aplicar os Salmos à sua vivência concreta. No segundo apêndice se propõe certo roteiro de orações da manhã, tarde e noite para todos os dias da semana, indicando-se cada vez três, respectivamente quatro Salmos do nosso livro.

O livro merece portanto a mais ampla difusão em todos os ambientes. Uma pergunta final: será que não se poderia encontrar uma imagem ou cena ou situação brasileira similar à do **pastor**, tão sugestiva e atraente para quem conhece o ambiente oriental ou europeu, mas pouco evocativa para o brasileiro? O nosso tropeiro não é bem isto. . .

J. B. K.

SCHILLEBEECKX, E.: O Matrimônio — Realidade terrestre e mistério de salvação, tradução de Fr. Alcício A. Broering, ofm, 320 páginas, 21 x 13 cm, Vozes Petrópolis, 1969.

Este primeiro volume de Schillebeeckx sobre o matrimônio apresenta, em três partes, um vasto apanhado exegético-histórico do matrimônio no Antigo Testamento, no Novo Testamento e na História da Igreja.

O matrimônio é uma realidade terrena que entrou na história da salvação. Realidade profundamente impregnada de religiosidade no mundo pagão, à medida em que foi assumido na história da salvação, sofreu uma gradativa desmitização. É uma realidade terrena a ser vivida pelos cristãos "no Senhor". A sacramentalidade do matrimônio levou uma dezena de séculos para ser afirmada como tal.

O livro é sobremodo útil e interessante pela vasta citação da problemática e das mais diversas opiniões que exegetas, teólogos e juristas teceram em torno do tema. Muito do que correntemente se afirma sobre o matrimônio com relação ao dogma e ao campo jurídico é colocado, neste volume, em seu devido lugar e apreciado em seu devido valor.

O autor promete um segundo volume, mais numa linha de reflexão, baseada em toda a riqueza histórica e da tradição, reunida no primeiro volume, a partir dos problemas cruciantes do matrimônio em nossos dias.

H. B.

SCHILLEBEECKX, Edvard: **Revelação e Teologia**, Tradução de Gerardo Dantas Barreto (Revelação e Teologia — 1), 395 pp., 21 x 14,5 cm, Ed. Paulinas, São Paulo, 1968.

Não deixa de ser louvável esse esforço das Edições Paulinas de publicar em português esta obra de um dos maiores teólogos da hora presente.

Este primeiro volume, em que Schillebeeckx publica alguns de seus trabalhos já escritos no período de 1943 a 1963, contém temas referentes ao problema da revelação, sua constituição e transformação, ao lado de uma reflexão mais especulativa sobre a revelação como acontecimento e palavra. Além disto apresenta uma interessante introdução à teologia, ao elaborar historicamente seu conceito e ao mostrar a teologia, como ciência, em sua relação com a Bíblia, com os Padres da Igreja, com a Liturgia, com a Escolástica.

O problema espinhoso da verdade em teologia ocupa também a atenção do autor, com a problemática do conhecimento não conceitual da fé. Ademais trata também do conceito e realidade da História da Salvação e seu lugar na teologia. Termina indicando a tendência da dogmática atual. Nunca é demais recomendar a leitura de Schillebeeckx, que, com suas reflexões profundas e existenciais, nos ajuda a penetrar no mistério da revelação. Ao lado de uma visão moderna e atual, consegue o autor unir uma solidez de doutrina, haurida na grande tradição da Igreja. Contato com tais obras só pode nos ajudar a crescer na compreensão da fé.

JBL

HEISLBETZ, Josef: Fundamentos Teológicos das Religiões Não-Cristãs, tradução de Adaury Fiorotti, (Quaestiones Disputatae), 232 pp., 20 x 14 cm, Herder, S. Paulo, 1969.

O autor aborda, nesta obra, em perspectiva teológica e não na da Ciência das Religiões, o difícil problema das religiões não-cristãs. Que sentido e valor salvífico tiveram e têm estas religiões, antes e depois de Cristo, uma vez que o Cristianismo, como “nenhuma outra religião, apresenta-se tão absolutamente como a Religião, a única e singularmente válida revelação de Deus” (p. 1)? O autor deseja pôr a claro, reunir e ordenar os fundamentos teológicos do sentido e valor salvífico das religiões não-cristãs (de modo nenhum êle quer dar um juízo sôbre esta ou aquela religião concreta), fundamentos já esparsos na teologia dos últimos anos. O mais importante, radical e fundamental é o da “vontade salvífica de Deus, universal, sobrenatural, infralapsária” (p. 5).

No primeiro capítulo, **Vontade salvífica universal de Deus e os pagãos**, apresentam-se motivos que justificam a afirmação da possibilidade de salvação individual dos pagãos.

No segundo capítulo, **Religiosidade e Religião**, mostra-se em que sentido e porque Deus “quer positivamente uma pluralidade de religiões” (p. 6).

No terceiro capítulo, **Vontade salvífica sobrenatural e religiões não-cristãs**, aprofunda-se o estudo iniciado no capítulo anterior, precisando em que sentido há história da salvação nas religiões não-cristãs.

No quarto capítulo, **Pecado e formas de depravação religiosa**, reflete-se sôbre as inevitáveis conseqüências do pecado nas religiões não-cristãs.

No quinto capítulo, **Religiões legítimas com elementos ilegítimos**, procura-se resolver o problema de “como pode Deus querer positivamente uma religião não-cristã, sendo esta um resultado composto necessariamente de elementos legítimos e ilegítimos” (p. 6).

No último capítulo, **Religiões não-cristãs na era cristã da salvação**, o autor estuda o valor salvífico das religiões não-cristãs após a vinda de Cristo.

A amplidão do assunto, implicando a necessidade de abordar problemas teológicos graves e delicados, impediu o aprofundamento, não só desejável mas mesmo requerido, em muitos pontos. Não se compreende porque o autor, tendo sido o original publicado em 1967, praticamente não usou o valioso material, referente ao assunto, oferecido pelo Vaticano II.

A obra, como esforço de sistematização da teologia das religiões não-cristãs, apresenta vias de solução para o difícil e

atual problema. Aquêles que na pastoral brasileira tiverem de entrar em contato com religiões não-cristãs, encontrarão nestas páginas subsídios teológicos para a reflexão e a devida valorização salvífica de cultos e ritos não-cristãos.

C. L. B.

LEPP, Ignace: **Os Caminhos da Amizade**, tradução do Pe. Angelo José Busnard, 154 pp., 19 x 12,5 cm, Herder, S. Paulo, 1969.

O autor se propõe analisar e desenvolver o tema da amizade, partindo da sua vivência existencial em que a amizade representou importante papel.

Sua vasta experiência no terreno da psicologia profunda lhe permitiu constatar o significativo papel que a amizade desempenha na promoção de uma existência humana.

O autor em sua análise e em suas reflexões, apóia-se amplamente na experiência pessoal. Sua pretensão é ajudar os leitores a travarem amizades e fazer com que suas amizades se tornem sempre mais sólidas e fecundas.

No livro em questão, o autor, como grande psicólogo e pedagogo, aborda os mais variados aspectos da amizade. Considera inicialmente o isolamento que envolve o homem moderno, passando depois a analisar as particularidades específicas da amizade entre os homens, entre as mulheres, entre homens e mulheres, entre esposos, entre pais e filhos e também entre mestres e discípulos. Procura ressaltar, sobretudo, que a amizade é um bem preciosíssimo da condição humana, como também é uma profunda fonte de alegria na vida dos homens.

A. S.

DUQUOC, Christian: **A Igreja e o progresso**, tradução de Irlés Coutinho de Carvalho, 95 pp., 21 x 14 cm, Duas Cidades, S. Paulo, 1968.

Este livro vem a ser uma exposição sobre as relações históricas entre a Igreja e o progresso. Embora possa parecer apologético, em certos momentos, pelos dados que vai apresentando, o autor abandona propositadamente o campo da apologia ou das interpretações concordantes, para examinar os conflitos e tensões tais quais se apresentam. Expõe os fatos sem fazer nenhum balanço negativo ou positivo, partindo do princípio de que a história do Ocidente não é independente da história da Igreja visível. E aponta o caminho a seguir: o diálogo entre a Igreja e o mundo. Como tema do diálogo com o mundo escolhe o progresso: progresso objetivo ao nível da ciência e da técnica e progresso do direito sócio-político. Exclui, de propósito, a filosofia, a arte e a moral, porque a noção de progresso nestes campos é pouco inteligível e faria entrar em discussões muito lon-

gas. A fim de que êsse diálogo se realize o autor analisa os fatos num clima de sincero exame de consciência, no qual os conflitos e tensões são apresentados como decorrência da condição histórica e humana da Igreja. G. E. W.

SIEGMUND, Georg: Die Natur der menschlichen Sexualität, 117 pp., 16,5 x 11 cm, Verlag Wort und Wahrheit, Köln, 1969.

Autor de uma série de livros, G. Siegmund trata, nestas páginas, da "natureza da sexualidade humana". Inicialmente apresenta as principais teses de dois médicos: Kinsey e Schlegel das quais faz uma apreciação crítica. Kinsey, através de seus livros, é, praticamente, o último responsável pelo pan-sexualismo americano que se está difundindo na Europa. Nas primeiras páginas o autor chama ainda a atenção para um dado que não se pode menosprezar: "Ciência", para o homem da rua, é a nova autoridade infalível de hoje como o fôra, outrora, a Igreja e a religião. O grande público crê tudo quanto lhe é apresentado sob o aparato científico" (p. 12). O capítulo "antropologia biológica é completado, com o fim de esclarecer melhor a natureza da sexualidade humana, pelo estudo das relações nos povos primitivos, chamando especial atenção para um grupo étnico que vive na Ásia: Hunsá (povo que nunca adoece). Complementando esta parte, estuda as relações entre sexo e cultura; chama atenção para o caráter único da sexualidade humana, distinta da dos animais; e exemplifica a distinção existente entre eros e sexo. Interessantes são ainda as considerações sobre "aceleração" e "retardamento" da juventude em relação ao amadurecimento sexual e psicológico, realidade esta que está correlacionada com o aumento de estatura e, conseqüentemente, degenerescência da raça humanã. Finalmente encontramos um valioso apêndice que vem a ser transcrição de um protesto, rico em considerações, contra a propagação da pílula anticoncepcional, assinada por 400 médicos alemães. O livro, embora pequeno, merece ser lido por todos quantos se dedicam à educação da juventude, à direção de almas e também por aqueles que têm em seu poder os destinos de uma nação. G. E. W.

PRO, Bernard: Religião sem prática? Apologia dos sacramentos. Tradução de Zaccharias Eduardo Carboni, XV + 383 pp., 22 x 14 cm, Editora Herder, S. Paulo, 1969.

Nossa comunhão de vida com Deus em Cristo, que é doação mútua de si e diálogo no amor, é a realidade mais essencial de nossa vida cristã.

Dessa comunhão nasce e cresce a verdadeira comunidade cristã, nossa fraternidade em Cristo, o Corpo Místico de Cristo, em sua vivência interna e santificadora.

A serviço dessa comunhão estão todos os sacramentos, mas, de modo particular, a Eucaristia que é comunhão com Cristo físico e místico. Por ela nos renovamos continuamente e crescemos em nossa inserção no Cristo Total, efetuada inicialmente pelo batismo e confirmação. Daí a importância dos sacramentos para um cristianismo vivo e encarnado.

É êsse, em resumo, o ensinamento que nos dá Bernard Prohm em seu livro sobre os sacramentos. A obra é valiosa, rica em citações bibliográficas; faz-nos crescer na estima e na vivência dos sacramentos.

A obra ganharia, no entanto, em concisão e clareza se o autor tivesse omitido certas digressões, citações e afirmações tão do gosto da nossa época, mas que envolvem ambigüidades e turvam a transparência da doutrina. É estranho que quase não cite o Vaticano II e não trate explicitamente da relação que existe entre os sacramentos e o Mistério Pascal.

O que se lê na página 3 deve ser erro de tradução ou de tipografia, pois o sacerdote é ordenado não **pela** comunidade, mas **para** a comunidade, como parece indicar o próprio contexto.

Mas essas e outras falhas não tiram à obra seu grande valor e oportunidade, especialmente nessa época de secularização e de rejeição a tudo o que tenha aparência de instituição eclesíastica.

C. S.

BALDUCCI, E.; CHENU, M. D.: **Pelos Caminhos do Concílio**, tradução de José J. Queiroz (Revelação e Teologia — 7), 21 x 14,5 cm, 312 pp., Edições Paulinas, S. Paulo, 1969.

O sétimo volume da coleção: Revelação e Teologia não vem a ser um tratado ou monografia. É uma reunião de vinte artigos. Estão divididos em 4 grupos, intitulando-se cada conjunto de cinco artigos: a nova consciência da Igreja; o diálogo por uma família sem fronteiras; autoridade, liberdade e coragem em mundo adulto; por uma civilização digna do homem. A reunião de artigos dentro da temática acima indicada trata de temas conciliares. Explicita aqueles temas que mais tocam o cristão leigo no mundo de hoje. Para que a Igreja possa renovar-se ela deve fazer um exame de consciência; e para que êsse exame seja mais frutuoso deverá ouvir mais que falar para realmente poder — renovada — entrar em diálogo com o mundo em progresso, com o cristão que deverá viver entre os que não crêem. O mundo de hoje é um mundo pluralista; a fé não é mais, como outrora, uma herança familiar, mas uma escolha pessoal. Imbuídos dessa fé, os leigos, que também são Igreja, devem ser ho-

mens de diálogo, a fim de construirem a família humana universal. O leigo é chamado a colaborar na criação de um terreno propício para o encontro entre crentes e não-crentes e homens de outros credos. O leigo, é chamado a agir responsabilmente no mundo da cultura, pois, R. Tucci lembra enfaticamente: "o confronto decisivo entre cristianismo e ateísmo se desenrola principalmente em terreno cultural: para o cristianismo, perder a batalha da cultura equivale a perder, em grande parte, a batalha de construção de um mundo mais humano e mais cristão" (p. 241). A ação responsável deve ainda estender-se à família, ao trabalho, ao mundo da política, aos meios de comunicação social. O empenho pela paz, para evitar a guerra não é só tarefa do Papa. Em resumo, os leigos são chamados a construir um mundo digno dos homens. Mas isto só é possível pela autoconversão a Deus e ao próprio homem. Só assim seremos fiéis à mensagem de esperança e amor do Cristo. Só assim saberemos tomar sôbre nós o desespero e as angústias de nossos irmãos. É esta a temática que Chenu, Tucci, Girardi, Balducci e outros desenvolvem nas páginas desta coletânea. Não visam fazer ciência teológica no sentido técnico do termo. Nem por isso deixam de ser lidos com proveito, por pessoas que tenham cursado uma faculdade de teologia. Uma observação final: a edição brasileira não indica a data e o órgão de imprensa em que foram publicados, pela primeira vez, os vinte artigos aqui reunidos. Alguns leitores se interessam por êsses detalhes.

G. E. W.

BORGERT, H.: Hacia una Iglesia mas secular — Iglesia y porvenir (Coleção Hinneni), 317 pp., 19 x 12 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1968.

Publicado, no original holandês, em 1966, o livro de Borgert tem, ainda hoje, uma atualidade muito grande. Fundamenta convicções que a intuição comum faz dizer em círculos menores; divulga-as e as torna importantes num contexto global de mundo tecnocrata. Dos seis capítulos de que se constitui o volume (sendo o sexto, praticamente, uma pequena conclusão) cinco são de uma densidade dialética. Sem querer comparar a problemática de um e de outro capítulo chamaria a atenção, no entanto, para o segundo, o quarto e o quinto. Todos os capítulos, porém, se entrosam num todo harmonioso, procurando mostrar o que deve ser a Igreja de amanhã. O primeiro faz uma descrição real do mundo sem Deus. No segundo coloca questões e perguntas que explicam e colocam em cheque, igualmente, o que parecia estar provado no primeiro. O capítulo terceiro discorre sôbre o como a Igreja aceita, explica, vive e realiza a existência humana. O que houve, no entanto, no decorrer da história? Surge, assim, o capítulo quarto: "A culpa da Igreja". A

Igreja errou, seja na sua "petrificação" (i. é, apêgo ao passado), seja na sua demasiada hierarquização, seja na não-significação das cerimônias sacramentais, seja no não-respeito ao leigo, ou, em outras falhas de sua "humanização". O autor não imagina. Descreve falhas que todos sentimos e conhecemos. Não o faz com ironia mas objetividade e realismo impressionante. Cometendo êsses erros até quando ficaremos nêles? Até sentirmos que somos, por culpa nossa, uma das muitas seitas como as que se encontram em nosso redor? Vem, por fim, o capítulo quinto, mostrando, ou tentando descrever o que será a Igreja de amanhã. Ela será uma comunidade em dispersão. Descreve, depois, a missão da comunidade, a vida cristã como acontecer, e o que deve ser o ministério na Igreja. Como diz o próprio autor, o livro, quis submeter à discussão dados tradicionais, aparentemente fixos, para lavrar o futuro, partindo do exame profundo dos mesmos. Não se trata, para êle, partir da forma atual da Igreja. Não se trata tanto de "adaptar". Adaptação é uma palavra perigosa, como afirma Borgert. O que importa é ter uma visão da Igreja neste mundo. Escrito sem ironia e sem amargura, o livro provoca qualquer tipo de leitor. Evidente que há os que o vão criticar por "apressado", "idealista". Para outros será atrasado. É um livro, no entanto, que se lê com gôsto e com fruto. Como falta muito para obedecermos ao espírito do povo de Deus! É um livro de teologia pastoral. Muitas coisas que diz já as sabemos e as afirmamos. Por que não as aplicamos?

H. H. D.

KOENIG, Samuel: **Elementos de Sociologia**, tradução de Vera Borda (Biblioteca de Ciências Sociais), 2.^a edição, 338 pp, 21 x 14 cm, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1970.

O autor apresenta, de maneira sistemática e sucinta as contribuições da Sociologia à compreensão da sociedade humana.

Samuel Koenig (professor de Sociologia e Antropologia na Universidade de Nova Iorque) dividiu sua obra em 19 capítulos, abordando em cada qual um tema de importância para o estudo da Sociologia. Parte do significado, valor e situação da Sociologia diante das outras ciências, passando, em seguida, a analisar os problemas sociais propriamente ditos.

Em cada problema abordado o autor procura apresentar as contribuições de diferentes pensadores. Compara as diversas interpretações dadas ao mesmo fenômeno social.

Enfatiza a contribuição dos pioneiros das Ciências Sociais, pois, conforme o autor, o pensamento produtivo baseia-se nos clássicos ou os reafirma.

A presente obra permite um contato rápido e sucinto com as idéias dos principais pensadores sociais.

“Elementos de Sociologia”, por ser uma abordagem histórica destina-se ao público em geral, tanto ao estudante de Ciências Sociais como para o leigo, devido à linguagem acessível e clara que o autor empregou.

A. P.

STONIER, A. W. — HAGUE, D. C.: **Teoria Econômica** tradução de Cássio Fonseca (Biblioteca de Ciências Sociais), 6.^a edição, 654 pp., 21 x 14 cm, Zahar Editôres, Rio de Janeiro, 1970.

Acaba de sair a sexta edição (1970) do livro de STONIER, A. W. — Hague, D. C.: “Teoria Econômica”, conhecido e adotado pela maioria das Faculdades de Ciências Econômicas. A primeira parte do livro é um estudo de microeconomia sob o título de **teoria do preço** (Estuda a oferta e procura; a curva de indiferença; o equilíbrio do consumidor e da firma; concorrência e monopólio; as leis do rendimento; as interrelações entre os fatores de produção). A segunda parte do livro é uma das melhores análises da teoria do emprêgo de Keynes. A terceira parte é original não se encontrando nas primeiras edições. Abrange, nesta altura, um dos problemas centrais da macroeconomia. Trata da teoria do crescimento sob os seguintes títulos: um modelo simples de desenvolvimento; progresso técnico e acumulação de capital. O livro convém estar na estante de qualquer interessado em economia, já que abrange os aspectos fundamentais da micro e macroeconomia.

R. L.

BOTTOMORE, T. B.: **Introdução à Sociologia**, tradução de Waltensir Dutra, revisão técnica de Otávio Guilherme Velho, 283 pp., 14x21 cm, Zahar Editôres, Rio de Janeiro, 1970.

Já em terceira edição, reaparece o manual de Sociologia de T. B. Bottomore, publicado originalmente em inglês (Londres, 1962) e cuja primeira edição portuguesa saiu em 1965. O autor, um dos mais destacados nomes da Sociologia atual, é professor na Universidade de Sussex, na Inglaterra, tendo dirigido duas importantes revistas especializadas: “Current Sociology” e “European Journal of Sociology”. O texto foi elaborado a convite da UNESCO, em atendimento a um pedido formulado pelo Governo da Índia, preocupado em oferecer aos seus estudantes um texto adaptado à cultura e às instituições da sociedade indiana.

O interesse pela obra, demonstrado pelo leitor brasileiro (acostumado a textos referidos ao mundo desenvolvido), parece decorrer da habilidade com que o autor aplica os conceitos e teorias da Sociologia à análise da estrutura social de um país sub-desenvolvido, e sob este ângulo, semelhante ao nosso. O livro, escrito em nível de iniciação e de agradável leitura, não deveria faltar em nenhuma estante de Sociologia.

M. L.